

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



## A vivência sexual de jovens mulheres: entre práticas de liberdade e normas de gênero

*Fernanda Sardelich Nascimento*<sup>1</sup>  
*Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro*<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, parte da tese de doutoramento em Psicologia, em andamento, objetiva-se analisar relatos de jovens mulheres, estudantes de escola pública do Ensino Médio, sobre suas vivências sexuais. Compreendemos a sexualidade como uma construção, demarcada sócio-histórico-culturalmente, entrelaçada às relações de poder e saber (Foucault, 2006). A metodologia utilizada foi à observação participante, visando aproximação e inserção na rotina escolar das jovens, durante um período de três meses, e autorização delas para participar das conversas sobre sexualidade. As jovens assumiam diferentes posicionamentos quanto as suas vivências, algumas se posicionavam como as que “sarravam” e “transavam” com quem tivesse vontade, falavam de preferências por relações sexuais permeadas por pancadas e se autodenominavam como “safadas demonstrando “práticas de liberdade”, “condutas, comportamentos e reações pelas quais o sujeito se constitui a si mesmo” (Castro, 2009, p.247)”. Outras defendiam a vivência sexual apenas no namoro ou na “ficada séria”, demonstrando uma preocupação em ser “usada” pelo jovem, ou vista como “fácil”. Nesses casos, entendiam que mulheres devem ser difíceis para se valorizar, criticando as jovens que tem uma postura diferente, o que para elas, desvaloriza as mulheres reforçando para os jovens que todas são iguais. Há uma regulação da sexualidade a partir das normatizações de gênero naturalizando a compreensão de que a mulher não deve assumir uma postura de liberdade sexual. Neste trabalho busca-se pensar a sexualidade como direito que deve ser respeitado plenamente, compreendendo jovens como sujeitos de direitos, autônomas, e capazes de escolhas, e pensar seus modos de subjetivação a partir de suas vivências sexuais.

**Palavras-chave:** Sexualidade; gênero; práticas de liberdade.

1 Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista FACEPE, [fsardelich@gmail.com](mailto:fsardelich@gmail.com)

2 Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, Professora da Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco e da Graduação em Serviço Social da UFPE. [rocordeirope@gmail.com](mailto:rocordeirope@gmail.com)

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da pesquisa de doutoramento em Psicologia da primeira autora sob a orientação da segunda, que tem como foco o estudo da sexualidade de jovens rurais e urbanos/as nos relacionamentos afetivo-sexuais, em particular o namoro. Para este trabalho analisaremos a pesquisa de campo realizado na área urbana.

A pesquisa foi desenvolvida no período de abril a agosto deste ano, em uma escola pública estadual, de ensino médio, de referência, na cidade de Recife. Durante esse período de quatro meses de convivência, a metodologia utilizada foi a observação participante, e posteriormente oito entrevistas semi-estruturadas com os/as jovens escolhidos a partir de dois critérios, o vínculo de proximidade formado com a pesquisadora durante o período de observação participante, e a solicitação dos/as jovens de serem entrevistados. Devido os comentários feitos pelos/as colegas após terem passado pela experiência de entrevista, outros/as jovens quiseram ser entrevistados/as. Para este trabalho o principal foco será nas jovens que a pesquisadora conviveu durante o período de observação e algumas que foram entrevistadas.

A observação participante é compreendida neste trabalho como “empreendimento dialógico não controlado, envolvendo, em alguma medida, tanto os conflitos e tensionamentos quanto a colaboração entre pesquisador/a e pessoas, grupos ou comunidades que fazem parte da pesquisa” (CARDONA; CORDEIRO; BASILINO, 2014, p.123). Esse empreendimento dialógico possibilitou a participação da pesquisadora no cotidiano das jovens, uma aproximação da vida escolar destas, de seus relacionamentos afetivos que ocorriam na escola, e do vocabulário utilizado por elas, compartilhando da cultura das jovens, e co-construindo com elas a pesquisa.

Nesse processo alguns desafios estavam presentes, que implicaram em escolhas por parte da pesquisadora. O primeiro deles era a autorização para desenvolver a pesquisa na escola, para isso foi apresentado o projeto de pesquisa

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



para a coordenadora e diretora da escola, e após a aprovação delas, para os/as professores/as. Autorizada à pesquisa a pesquisadora passou a frequentar semanalmente, quatro dias na semana, as aulas, que aconteciam no período integral. Por sugestão da coordenadora e observando também a tensão inicial que a presença da pesquisadora causou no cotidiano escolar – em diferentes momentos professores/as vinham perguntar o que eu estava observando, quais conclusões estava chegando, ou tentavam direcionar o que deveria fazer, ver e ouvir – foi decidido não acompanhar nenhuma turma específica, mas ficar pelos corredores e buscar nos intervalos espaços de interação mais intensos com os/as jovens.

O segundo desafio era a aproximação dos/as jovens, que inicialmente viam a pesquisadora como uma inspetora, ou professora nova, e cada caminhada pelos corredores significava corridas para as salas para não terem os nomes anotados. Os/as próprios/as jovens relataram isso, conforme foram se aproximando. Gradativamente os/as “mais corajosos/as” perguntavam quem eu era e o que fazia ali e logo passei a ser conhecida como a psicóloga que pesquisava sobre relacionamento de jovens.

Porém, aceitar a presença, e se aproximar, não significava que estavam dispostos/as a compartilharem com a pesquisadora de suas histórias e experiências. O último desafio foi a inserção nos grupos, nem todas as pessoas com quem a pesquisadora conversou formaram um vínculo mais próximo ou compartilharam de suas histórias. Por vezes a aproximação era mais voltada para saber o que uma psicóloga fazia ou o que iria ser feito com os dados e os objetivos da pesquisa.

Essa aproximação foi gradual, conforme os jovens indagavam a pesquisadora (com perguntas sobre relacionamento, namoro, como a minha pesquisa, se ela já tinha fugido da escola alguma vez, como era a profissão e os desafios do vestibular, entre outras questões), era como se fosse estabelecido um vínculo de confiança “você fala da sua vida e eu da minha”. Aos poucos a pesquisadora foi sendo inserida pelas jovens em algumas conversas cada vez mais íntimas, e posicionada de diferentes maneiras: como a “tia” que falava sobre sexo, namoro e fidadas, “como se fosse uma amiga” para quem opiniões eram pedidas e segredos contados, como a



# 18°REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



muito boa, a “rata” é aquela que fica com todos, mas além de ficar com todos, ela ainda quebra o “código moral” existente entre jovens de não ficar com amigos, a “quenga” e a “puta” em geral, além de ser “rata” ela também tem relações com diferentes pessoas, por isso é fácil e os jovens só querem sexo com ela.

As jovens com quem conversava contaram que ano passado uma jovem do terceiro ficou com um menino do primeiro e que toda a escola soube. Segundo elas, eles ficaram na frente das pessoas, isso porque essa jovem é uma “rata”. Pergunto o que é ser rata e elas dispararam “quenga, mulher que fica com todos, sem critério” (Diário de Campo, 08/04/2014, p.6).

Então Estrela<sup>3</sup> começou a falar que ela não gostava de falar para homem quando estava afim porque todo homem era safado e só fazia a mulher sofrer. O assunto foca então em relacionamento. (...) A amiga de Estrela fala que tem menina que é “puta e dá em cima”. Pergunto se “dar em cima” já faz da jovem uma puta, começa então uma discussão. Estrela e Laura explicam que a jovem que dá em cima de tudo que é menino acaba prejudicando as outras porque os meninos safados ficam querendo só pegar as mulheres. Entre as outras pessoas que estavam na roda houve uma concordância em relação ao fato de que quando a mulher fica com muitos é “fácil”, “puta”, “rata” ou “jogada”. (...) Todos esses atributos são pejorativos e utilizados para classificarem as mulheres como “fáceis”, porque a mulher séria é aquela que se valoriza e é difícil, não dá em cima (Diário de Campo, 22/05/2014, p.46).

Enquanto conversávamos Lorena, uma jovem da turma de Manú, passou e me cumprimentou de longe. Manú comenta que ela “é muito puta”. Key fala em tom de ironia “isso é porque que é amiga!”. Questiono o que faz ela pensar isso da jovem e Manú explica que ela é “muito rata, fica com todo mundo”. Questiono então se ficar com todo mundo é um problema. Manú então diz que o problema é que ela ficava com amigos. Fica com um menino, depois também fica com os amigos dele (Diário de Campo, 30/05/2014, p.60).

Foucault (2010, p.211) ao discutir sobre moral faz uma diferenciação entre níveis: **código moral** que seria o conjunto prescritivo de valores e regras, que tanto podem ser formulados “em uma doutrina coerente e em um ensinamento complexo” quanto pode ser transmitido de forma “difusa e que longe de formarem um conjunto sistemático, constituam um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, dessa forma, compromissos e escapatórias”; **moralidade dos comportamentos** que diz respeito à forma como as

<sup>3</sup> Todos os nomes que aparecem neste texto são fictícios, preservando a identidade dos/as jovens.

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



peças se relacionam com as regras e valores que lhes são propostos. Além desses dois níveis um terceiro seria a do **sujeito moral** que se refere a “maneira como é preciso ‘conduzir-se’, ou seja, a maneira como se deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código” (FOUCAULT, 2010, p. 211).

Nos trechos destacados pode-se afirmar a existência de um código moral em relação ao comportamento que a jovem deve ter em um relacionamento, esse código, pauta-se numa normatização de gênero que aponta para uma conduta esperada para a mulher, no caso de não dar em cima, não ficar com amigos, não trair, não ter relação sexual, para poder ser considerada uma “moça séria” e “de família”, regras essas que não são as mesmas para os homens. Sobre esse comportamento esperado da mulher para ser respeitada a conversa com Raquel e Eric ilustra a questão:

Eric falando sobre a diferença entre ficada e ficada séria explica que nessa segunda modalidade de relação há respeito e certo compromisso com a pessoa, mas Raquel discorda dele e começa então um debate a respeito, no qual Eric conclui dizendo que com a jovem que fica hoje é uma “ficada séria e não só ficada ou só para comer”. Aproveito que ele falou em “comer” e pergunto se no namoro acontece intimidade e sexo. Ele explica que isso depende do namoro e da jovem, e diz que se ele respeitava a namorada, e principalmente se ela é virgem, ele não faria isso com ela, porque isso na visão dele seria um desrespeito a jovem (...). Questiono-os se só a jovem que é “virgem” merece respeito. Ambos param para pensar por alguns instantes ficamos em silêncio. Eric então diz que não necessariamente, e que o respeito tem relação com saber “quem a menina é”. Então para exemplificar seu ponto de vista usa Raquel como exemplo explicando que as pessoas sabem quem ela é, e que ela é uma “moça de família”, que se dá “valor e respeito”. Continuo provocando a discussão e pergunto o que é, ou como é ser uma pessoa que se dá “valor e respeito”. Raquel, parecendo já impaciente com meus questionamentos, se mexe no banco, vira pra mim, vira os olhos, respira profundamente, e me responde que “é saber se portar”, é uma mulher que não sai “pegando geral” ou que fique “dando pra todo mundo” (Diário de Campo, 31/07/2014, p.73-74).

Nesse enredamento moral, Estrela, Raquel, Laura tomam o código moral que rege os comportamentos de gênero como prescrições que elas seguem, se submetendo a elas para constituírem-se como sujeitos morais.



# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sexualidade está entrelaçada com o saber que se produz sobre ela, com as normas, as regulamentações e as disciplinas que propõem formas de exercê-la. Esse exercício será diferente para homens e mulheres, a partir de sua intersecção com as normas de gênero.

## 2. Pensando e praticando: sexo e sexualidade entre jovens

No decorrer do período de observação as jovens discutiam sobre a compreensão que tinham sobre sexo e sexualidade. Em geral, a compreensão sobre sexualidade estava relacionada ao sexo, porém a compreensão sobre sexo era ainda mais restrita e estava relacionada à penetração em si. Essa compreensão aparece quando as jovens estão explicando para a pesquisadora os diferentes tipos de “sarro” existentes, como vemos no trecho a seguir:

Estamos conversando eu, Manú, Elisa e Lorena. Manú e Lorena começam a falar quem pegaria e quem não pegaria na escola e se pegaria no claro ou no escuro. Pedi para que explicassem o que significava pegar no claro ou no escuro. (...) Lorena explica que “pegar no claro” é quando você fica na frente de todo mundo e ainda comenta que “pegou”, já no escuro você combina um cinema um local mais reservado e não comenta, e ainda tem o “pegar no escuro com um pano na cabeça” que só aconteceria quando se “está muito na seca”. (...) Lorena e Elisa comentam sobre um rapaz que ficaram em comum “peguei tua baba” ((risos)). Pergunto se ela pegou no escuro? (...) Lorena então afirma que foi um “sarrinho básico” e eu peço para que ela explique o que era isso. (...) Lorena explica que é quando tem “uma mão na bunda, no peito, uma esfregadinha, pode até ser dançando mesmo, as vezes dançando rola uma sarrinho básico mas nem fica”. O “sarro mais assim” é quando além da “esfregadinha” também pega nos genitais. E um “sarro mesmo” seria aquele em que “pega em tudo, beija. Aí quando acaba a mulher fica assim (levanta cruza as pernas e balança o dedo e faz o barulho de uma cascavel). Só no chocalho”. Depois dessa encenação Lorena, comenta com Manú, “eita olha o que a gente tá falando pra ela (se referindo a mim)” Manú então diz que isso é besteira porque eu quero saber sobre “essas coisas” pois pesquiso isso. (...) Lorena então diz que nesse caso iria falar mais pois era bom falar sobre isso. (...) Pergunto se no “sarro mesmo” acontecia beijos, ou relação oral, elas explicam que sim, mas que isso não era sexo, pois para elas “só é sexo quando mete, se não mete pode chupar e fazer tudo mas não é sexo”. (...) Lorena explica ainda que há uma diferença do que é pegar para o homem e para a mulher. Para o homem pegar é transar, para a menina um beijo já é pegar. Tanto que tem menino que fala essa “só beijei, essa não, eu peguei” (Diário de Campo, 22/05/2014, p.48).





# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sexualidade, constituindo-as como jovens que exercem a sexualidade em diferentes contextos de relacionamento.

Por fim, importante destacar que não há uma superação completa das normas e que mesmo as jovens que assumem uma postura de maior resistência e liberdade, ainda assim estão submetidas às normas de gênero, ainda que numa postura de resistência.

## REFERÊNCIAS

CARDONA; COPRDEIRO; SPINK. **Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em Psicologia Social.** In: SPINK; BRIGADÃO; NASCIMENTO; CORDEIRO (Orgs.). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 123-148. (publicação virtual).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17ª. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 192-217. (Ditos e Escritos, vol. V).

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 264-287. (Ditos e Escritos, vol. V).

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 8, n. 17, p. 77-91, jun. 2002.